como a literatura marginal que expõe versos indigestos em livros e cadernos e podem ser mostrados a todos. Também poderíamos mostrar mais da parte social, no qual existem milhares de pessoas que fazem arte da cultura hip hop, e são educadores de jovens e tentam na medida do possível, fazer uma ressocialização em pessoas que nenhuma iniciativa privada ou estatal conseguiu fazer. Contudo o objetivo principal foi mostrar que apesar dos estigmas e mordacidades que o Rap carregou durantes anos, e ainda carrega. Ele busca na sua grande maioria uma reivindicação social por parte do governo, para as pessoas das periferias. Não teria de maneira alguma citar os problemas cotidianos das periferias sem, contudo, mencionar seus principais atores. Trabalhadores, bandidos, senhoras, prostitutas, menores viciados, desempregados, iludidos e sem ilusão. Nenhum desses personagens poderia faltar em um enredo periférico. E o Rap na qualidade de musica representativa da periferia, não pode se abster de falar sobre essas pessoas.

O Rap nunca foi, e talvez nunca será uma música que embalará canções em programas televisivos ou em festas regadas a luxaria. O Rap se autoproclamou a musica da favela, do oprimido, dos sem voz, dos sem tetos, dos órfãos, dos oprimidos, dos desiludidos e de todos aqueles que de uma forma ou de outra buscam mesmo que em vão uma melhoria de vida.

"Compulsão pelos livros, compulsão pelo saber. A gente tem que trocar nossa compulsão por droga, a nossa compulsão pelo crime, a nossa compulsão pelas armas, pela informação".

REFERÊNCIAS

SANTOS, M. O país distorcido: o Brasil, a globalização e a cidadania. São Paulo: Publifolha, 2002.

BUZO, Alessandro. Hip-Hop: dentro do movimento. São Paulo: Editora Aeroplano, 2011.

BALBINO, Jéssica. Hip-Hop: A cultura marginal. Minas Gerais: Independente, 2006.

FREIRE, Paulo . Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

A pedagogia da libertação em Paulo Freire. São. Paulo: Ed. Unesp, 1999, p.65-70. CANÁRIO

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil.

Brasília, DF: Senado Federal, 1988

SABOTAGE, Rap é compromisso. Rap é compromisso, São Paulo, 2000. Cosa Nostra

MV BILL; Soldado do morro, 2000, traficando informação, Natasha Record.

FACÇÃO CENTRAL; Isso aqui é uma guerra. São Paulo, 1998, Versos sangrentos, Five Special Record.

FACÇÃO CENTRAL; A guerra não vai Acabar, São Paulo, 2001, A marcha fúnebre prossegue, Five Special Record.

ARTE DE CONTAR HISTÓRIA: LITERATURA INFANTIL PARA FORMAÇÃO DA CRIANÇA

ANA LIGIA SANTOS MENDONÇA

RESUMO

O presente trabalho traz ideologias do contar histórias em roda, com a literatura infantil, sem objetivar histórias ou autores da literatura infantil, mas alguns aspectos históricos da infância envolvidos na literatura infantil, a postura do docente da educação infantil mediante essas práticas pedagógicas, verificando posturas dentro do ensino. Diante dos estudos, verificar competências, dentro de opinião de autores e propostas curriculares, adquirido pela leitura, assim como nas rodas de histórias, visando a formação da criança no âmbito social e aprendizagem humana. Fica destacado as diversas habilidades educativas que podem surgir ao contar histórias pela literatura infantil, visando como uma prática formadora de ensino.

Palavras-chave: Aprendizagem. Literatura infantil. Roda de histórias.

INTRODUÇÃO

A literatura infantil teve em seu processo histórico uma fantasia do mundo criativo, imaginário entre a história e a criança. “No século XX a literatura brasileira eram traduções da literatura europeia, apresentando uma visão conservadora de infância com personagens-modelos e padrões rígidos de moral e de comportamento.” (CHICOSKI, 2010).

A criança que participa de uma roda de histórias, partilha experiências com seus colegas, na simplicidade de contar um acontecimento cotidiano ou recontar uma história que ouviu e até reclamar de algo que lhe aconteceu, enfim, são várias as possíveis situações que as crianças podem levar para esse momento, elas vão tornando seu campo de conhecimento mais amplo e diferenciado que aquelas que não vivenciam essa expe-

riência, desenvolvendo uma postura social dentro do grupo e podendo reproduzir fora do ambiente escolar também. (SANTOS; GOMES; LIMA, 2017)

Assim, o trabalho traz como justificativa a contação de histórias da literatura infantil dentro do ambiente escolar sem âmbito educacional, muitos professores não têm visão para diversas habilidades educativas que podem surgir ao contar histórias. Na atualidade muitos contam histórias para as crianças como um hábito educativo, sem planejamento e expectativas de aprendizagem.

Deste modo, como o professor pode utilizar a literatura infantil em roda de história com objetivos de aprendizagem?

O objetivo geral do trabalho é analisar a literatura infantil em roda de histórias e como objetivo específicos verificar o breve histórico da literatura infantil, analisar a roda de histórias dentro da metodologia de ensino e contribuições da literatura infantil em roda de história na educação infantil.

O trabalho apresenta um metodologia bibliográfica de artigos e revistas, com a contribuição de autores como Zilberman (2003), Scharf (2000), Kirchof e Bonin (2012), Barboza e Nucci (2016), entre outros.

2. BREVE RELATO DA LITERATURA INFANTIL

A literatura infantil decorreu dentro de um processo histórico da literatura, com intuições, pensamentos vinculados a criança, que anteriormente fora considerada com uma visão de mundo adulto.

De acordo com Scharf (2000) os primeiros livros infantis foram produzidos e especificamente escritos como literatura para criança ao final do século XVII e durante o século XVIII, no qual os primeiros textos foram escritos por pedagogos e professores, com marcante intuito educativo, aproximando assim a instituição escolar e o gênero literário, mas, ainda no século XVII a literatura dividiu espaço com o leitor infantil através dos contos de fadas, com produção literária aparecida na França pelas mãos de Charles Perrault, com narrativas populares e faz adaptações, dando a sua obra valores comportamentais da classe burguesa.

Zilberman (2003) coloca que os primeiros livros produzidos para as crianças foram feitos no final do século XVII e durante o século XVIII, antes disso não se escrevia para crianças porque não existia o conceito de infância e não tinha uma consideração especial com a infância, sendo um faixa etária que não era percebida como um tempo diferente e nem o mundo da criança como uma espaço separado, crianças e adultos compartilhavam mesmo eventos.

A partir do século XVIII, a criança passa a ser considerada um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, havendo então o distanciamento da vida "adulta" e recebendo uma educação diferenciada, que a preparasse para essa vida. Nesse momento, a criança é vista como um indivíduo que precisa de atenção especial que é demarcada pela idade. (SILVA, 2009, p. 137).

Em consequência, o adulto passa a idealizar a infância, no qual a criança fica considerada como um indivíduo inocente e dependente do adulto, devido à sua falta de experiência com o mundo real. Até hoje, muitos ainda têm essa concepção da infância como o espaço da alegria, da inocência e da falta de domínio da realidade. Os livros que trazem essa concepção são escritos, então, com o objetivo de educar e ajudar as crianças no enfrentamento da realidade. (SILVA, 2009).

A literatura infantil é outro dos instrumentos que tem servido à multiplicação das normas, transmitindo, em geral, um ensinamento conforme a visão adulta de mundo, se comprometendo com padrões que estão em desacordo com interesses dos alunos, mas, quando ocorre a substituição do adulto, até com maior eficiência, quando o leitor não está em aula ou mantém-se desatento às ordens dos mais velhos, ocupando então, a lacuna surgida nas ocasiões em que os adultos não fazem parte, torna-se um momento que as crianças apelam à fantasia e ao lazer. (ZILBERMAN, 2003, p. 23).

Scharf (2000) coloca que a literatura infantil brasileira tem características bastante originais, que combinam as contribuições europeia (portuguesa), africana e indígena, no qual a literatura oral trazida pelos primeiros colonizadores era narrada pelos avós, que entretinham as crianças com histórias de exemplo de personagens, e outras do folclore português, somando as histórias das escravas negras, que andavam de engenho em engenho, transmitindo as às outras negras, amas dos meninos brancos, ao qual contava histórias para eles.

Diante disso, a literatura infantil diante do processo histórico, trouxe dilemas da importância da literatura com foco pedagógico. Zilberman (2003) coloca que ao longo do século XIX ocorre o processo de privatização da família, criando uma lacuna diante da socialização da criança, dentro da família burguesa, ocorreu a valorização da infância enquanto faixa etária e camada social, separando-a do mundo adulto e da realidade exterior, adquirindo a escola uma nova significação, visando inserir as crianças no mundo.

A literatura infantil, nessa medida, é levada a realizar sua função formadora, que não se confunde com uma missão pedagógica. Com efeito ela dá conta de uma tarefa que está voltada toda a cultura – a de "conhecimento do mundo e do ser". [...] o que repre-

senta um acesso à circunstância individual por intermédio da realidade criada pela fantasia do escritor. E vai mais além – propicia elementos para uma emancipação pessoal, o que é a finalidade implícita do próprio saber. Integrando-se a esse projeto libertador, a escola rompe suas limitações, [...] é a possibilidade de superação de um estreitamento de origem o que a literatura infantil oferta à educação. (ZILBERMAN, 2003, pp. 29 e 30).

Deste modo, Zilberman (2003) relata que então, a literatura infantil é um problema pedagógico e não literário, decorrendo de uma situação histórica particular vinculada à origem da família burguesa e da infância como uma classe especial, provendo textos para essa nova faixa, aliando-se ao ensino e transformando-se em um instrumento.

Assim, conforme Zilberman (2003) a criança burguesa nesta época estava plenamente integrada ao contexto familiar, destacando a personagem materna, aumentando a participação da mulher na organização doméstica. Mas, em contrapartida, a situação dos proletários não era idêntica, as mães mesmo com a função familiar, precisavam ajudar na renda familiar, com crianças jogadas pelo mundo, aparecendo então as interferências do poder público e privado, conduzindo a frequência escolar para o corpo social.

Já com a Psicologia da Aprendizagem, a infância é tratada como uma etapa de preparação do pensamento para a vida adulta. O pensamento infantil não tem ainda uma lógica racional. A literatura infantil é, nesta concepção, adequada às fases do raciocínio infantil, entendido como idade cronológica. Essas concepções convivem, até a nossa atualidade, possíveis de serem percebidas até no modo como os livros são selecionados e catalogados pelas editoras. (SILVA, 2009, p. 137).

Logo, Zilberman (2003) coloca que a literatura infantil acaba assumindo um significado duplo: de um lado é percebido a óptica do adulto, pela participação do processo de dominação da criança e do jovem, assumindo um caráter pedagógico, transmitindo normas e o envolvimento de sua formação moral; do outro, há um comprometimento com interesse da criança, facilitando a ordenação de experiências existenciais, transformando-se em um meio de aceso ao real, com conhecimento de histórias e a expansão do domínio linguístico.

Zilberman (2003) coloca que a descrição do conteúdo da literatura infantil decorre de uma necessidade de preenchimento de uma missão não propriamente literária em sua origem e funcionamento, resultando em questionamentos relativos à oposição entre fantasia e realismo, mas a compreensão do gênero se faz pela classificação das relações entre o adulto e a criança, com qualidades atribuídas à infância.

3. RODA DE HISTÓRIAS COMO METODOLOGIA DE ENSINO PARA EDUCAÇAO INFANTIL

A educação infantil tem desenvoltura de uma aprendizagem que busca a evolução humana com autonomia e habilidades de uma transformação social cada vez maior.

Segundo Scharf (2000) para o bom desenvolvimento do homem, é necessário que ele cresça num ambiente social de convívio e troca com outras pessoas, dento de um processo de desenvolvimento do ser humano com níveis, no qual o primeiro nível é o social, com ações do outro para contribuição aos processos psicológicos do indivíduo e o segundo no nível individual, onde é possível dar significado às suas próprias ações. Desta forma, aparece a linguagem como forma de adaptação ao meio:

No decorrer do seu desenvolvimento, o homem passa a utilizar a linguagem como instrumento de pensamento com o objetivo de adaptar-se, mas também de criar, de compreender a si e aos outros, de agir sobre si e sobre os outros, de buscar respostas para todas as questões individuais ou coletivas. (SCHARF, 2000, p. 38).

Deste modo, a BNCC, conforme Brasil (2017) coloca como aprendizagem para o eixo "o eu, o outro e o nós", respeitar e expressar sentimentos e emoções, atuar em grupo e demonstrar interesse em construir novas relações, respeitando a diversidade e solidarizando-se com os outros, conhecer e respeitar regras de convívio social, manifestando respeito pelo outro e nos "traços, sons, cores e formas", discriminar os diferentes tipos de sons e ritmos e interagir com a música, percebendo-a como forma de expressão individual e coletiva, expressar-se por meio das artes visuais, utilizando diferentes materiais, relacionar-se com o outro empregando gestos, palavras, brincadeiras, jogos, imitações, observações e expressão corporal. Para o eixo

"Escuta, fala, pensamento e imaginação":

Expressar ideias, desejos e sentimentos em distintas situações de interação, por diferentes meios. Argumentar e relatar fatos oralmente, em sequência temporal e causal, organizando e adequando sua fala ao contexto em que é produzida. Ouvir, compreender, contar, recontar e criar narrativas. Conhecer diferentes gêneros e portadores textuais, demonstrando compreensão da função social da escrita e reconhecendo a leitura como fonte de prazer e informação. (BRASIL, 2017, p. 55).

Assim como, os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento no BNCC (Base Nacional Comum Curricular), conforme Brasil

(2017) de 0 a 1 anos e seis meses, demonstrar interesse ao ouvir histórias lidas ou contadas, observando ilustrações e os movimentos de leitura do adulto-leitor (modo de segurar o portador e de virar as páginas), também reconhecer elementos das ilustrações de histórias, apontando-os, a pedido do adulto-leitor.

Para crianças de 1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses, a BNCC coloca um dos eixos como demonstrar interesse e atenção ao ouvir a leitura de histórias e outros textos, diferenciando escrita de ilustrações, e acompanhando, com orientação do adulto- -leitor, a direção da leitura (de cima para baixo, da esquerda para a direita), como também formular e responder perguntas sobre fatos da história narrada, identificando cenários, personagens e principais acontecimentos. (BRASIL, 2017, p. 49).

Deste modo, crianças de 4 anos a 5 anos e 11 meses, Escolher e folhear livros, procurando orientar-se por temas e ilustrações e tentando identificar palavras conhecidas, como recontar histórias ouvidas e planejar coletivamente roteiros de vídeos e de encenações, definindo os contextos, os personagens, a estrutura da história. (BRASIL, 2017, p. 49).

Desta maneira, a BNCC apresenta objetivos da aprendizagem e desenvolvimento da criança na educação infantil envolvendo a criança em ouvir e recontar histórias e ter a relação com livros, trabalhando a escuta, a fala, o pensamento e a imaginação.

De acordo com Silva [et al] o ato de contar histórias é conhecido desde as mais primitivas civilizações, o homem sempre lançou mão da narrativa., no qual o conhecimento sempre se fez presente pelo processo de contar histórias de pai para filho e foi se fixando ao longo do desenvolvimento das sociedades, constituindo-se em um eficiente e efetivo meio comunicativo.

Paço (2009) coloca que a literatura é um possível caminho para a criança desenvolver a imaginação, emoções e sentimentos de forma prazerosa e significativa, logo, para contar a história é preciso saber como se faz, e através das histórias as crianças aprendem nomes, sons, músicas e se inserem na cultura, ou seja, quem conta histórias precisa criar um clima de envolvimento.

O desenvolvimento da imaginação infantil quando compartilhado, divulgado e aplaudido faz do sujeito alguém envolvido com as idéias, compreensivo, crítico e modificador das situações prazerosas ou não, torna-se alguém com ideais. Ao experimentar a leitura o leitor executa um ato de compreensão e interpretação do mundo, e através dessa compreensão pode modificar ou ressignificar o contexto no qual está inserido. (PAÇO, 2009, p. 10).

Ao reconhecer a linguagem como o veículo de comunicação entre o aluno, o professor e os colegas em sala de aula, Paço (2009) coloca que as práticas que compõem a educação infantil, como as rodas de conversas, os momentos da contação de histórias, e as músicas de escola, como as crianças costumam nomear, a literatura infantil leva a criança à descoberta do mundo, onde sonhos e realidade se incorporam, onde a realidade e a fantasia estão intimamente ligadas, fazendo a criança viajar, descobrir e atuar num mundo mágico, podendo modificar a realidade seja ela boa ou ruim.

Um hábito muito comum nas instituições ao trabalhar a linguagem é a realização da roda, onde as crianças falam do seu cotidiano e expressam seus desejos somente quando são perguntadas, e as respostas têm que ser emitidas em coro. Esse hábito só e válido quando a criança pode se expressar livremente, e não ser chamada só nos momentos em que o adulto quer lhe ouvir. Quando a prática da roda é realizada dessa maneira, a linguagem deixa de ser centralizada no adulto e passa a ser direcionada à criança e ao seu universo. (PAÇO, 2009, p. 35).

De acordo com Zilberman (2003) verifica-se dentro do universo da criança que o contato dela com o mundo se faz por intermédio da audição e da recepção de imagens visuais, surgindo o texto escrito como interferência e intermediação da escola, passando a criança a ter acesso às mesmas modalidades de cultura, podendo posteriormente fazer de modo autônomo, sem a participação do adulto, que era o responsável pela leitura e conhecimento.

4. CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA INFANTIL EM RODA DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Segundo Zilberman (2003) a criança ao ouvir histórias narradas pelos adultos, podendo eventualmente acompanhar com os olhos na ilustração, unindo o indivíduo à obra literária, aos poucos, a história vai se instalando no domínio cognitivo do ser humano, convertendo-se em um leitor, ou seja, modificando sua condição, não pela posse de códigos de leitura, mas a integração em um universo maior de signos, o que nem a simples audição, nem o deciframento das imagens visuais permitam.

O crescimento da criança se faz por essa imersão no universo da palavra escrita, e seu desenvolvimento intelectual pode ser medido por meio de sua habilidade de verbalização de conteúdos assimilados durante a educação formal. Expressão escrita e domínios de hábito de leitura distinguem o indivíduo superior, submetendo a essas atividades e outros meios de apropriação da realidade: o auditivo e o visual. (ZILBERMAN, 2003, p. 170).

Deste modo, a autora relata que o fe-

nômeno literário deve ser examinado antes de tudo, em função de sua estrutura, verificando as relações entre seus elementos, seja com a tradição literária ou história social, no qual a produção artística é um processo usual de comunicação.

Zamboni e Fonseca (2010) coloca que as relações entre a literatura e a história sempre estiveram presentes na educação e estão associadas ao desenvolvimento da leitura, da escrita, à percepção dos múltiplos sentidos agregados aos vocábulos, à formação ética e estética, à ampliação do universo cultural e da compreensão de mundo, inclusive o domínio da linguagem, sendo fundamental no processo da comunicação social e sensibiliza para a percepção do outro e da realidade que os cerca, logo, a literatura e a história possibilitam de desenvolver a linguagem, fornecendo pistas, indícios para a compreensão da realidade, de cultura, de identidade, são mediadoras da/para a aprendizagem humana.

A literatura infantil constitui-se num dos momentos mais ricos e significativos dentro da escola e sua aproximação com a criança é algo mágico e transformador, tornando-se um recurso de fundamental importância para o desenvolvimento da imaginação e fantasia na criança, contribuindo para sua formação de leitor, oportunizando o gosto pela leitura e permitindo caminhos não apenas de suas descobertas, mas também um dos mais completos meios de enriquecimento e desenvolvimento de sua personalidade. (QUEIROZ; FERNANDES, 2018, p. 1).

Deste modo, conforme Queiroz e Fernandes (2018) o papel do professor como mediador e incentivador do processo aprendizagem na busca de elementos eficazes é, despertar o desejo e a alegria da criança não só de ler, mas possibilitar de forma estimulante e espontânea a criança querer ouvir histórias infantis, e que esse texto literário no seu conteúdo, contribua para sua formação como cidadão, capaz de ajudálos em suas dificuldades nas suas interações com as demais crianças.

Logo, as rodas de leitura com histórias da literatura infantil contribui com a criança para linguagem, a interação com seu meio, escutar, expressão, interpretação, imaginação, fantasia, criatividade, compreendendo pelas histórias a vivência real e outras culturas, através das histórias e conato com livros.

Conforme Queiroz e Fernandes (2018) uma das principais funções do professor é permitir que a criança ao chegar à escola aproprie-se dos livros, tenha contato com eles, se encantem com suas ilustrações e possam com o auxílio dele começar a descobrir o mundo das letras, e junto com as crianças ler pequenos textos, sendo de fundamental importância para o seu desenvolvimento.

A leitura é uma prática social valiosa e de grande importância na contribuição do desenvolvimento da cognição humana, em especial, de uma criança. A mesma proporciona o desenvolvimento do intelecto e da imaginação, além de promover a aquisição de conhecimentos. (SILVA, 2019, p. 19).

Silva (2019) relata que deve-se sempre ter o cuidado na estrutura de narração das histórias infantis, pois a didática no contar das histórias deve ser motivante e enriquecedora, no qual a narração deve ser previsível para a criança, de fácil linguagem e entendimento, com figuras que possibilitem ser exploradas posteriormente com o uso da ludicidade, permitindo às crianças um melhor desenvolvimento da capacidade de produção e compreensão do que foi lido.

Silva [et al] (2018) coloca que a literatura infantil é um instrumento que contribui para elaboração destas situações, sendo importante que o educador tenha conhecimentos sobre este elemento tão importante e também saiba como utilizá-lo de forma que se preserve a função real da literatura. “O que não se pode desconsiderar, de maneira nenhuma, é que a literatura é uma arte, e como tal, as relações de aprendizagem e vivência são fundamentais para que alcance uma formação integral do indivíduo.” (SILVA [et al], 2018, p. 47).

Claro (2011) relata que a literatura infantil é fundamental para o processo de construção dos conhecimentos e atitudes, bem como estimulo a alfabetização e formação de bons leitores, pois, quando a criança fica em contato com as histórias infantis, também oportuniza sua linguagem oral culta e a popular e, tendo em ponto noções para contar e possibilitar a escrever pequenos textos, que futuramente e gradativamente vão explorando, partindo também para um ponto de vista é que, quanto maior for o contato das crianças com as histórias, elas podendo serem narradas e/dramatizadas por outras, podem contribuir e muito para o ato futuro e durante da leitura e escrita.

De acordo com Mateus [et al] (2013) a contação de história nas escolas era uma forma de distrair as crianças e hoje vem ressurgindo a figura do contador de histórias, logo, a contação de histórias é um precioso auxílio à prática pedagógica de professores na Educação Infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, que instiga a imaginação, a criatividade, a oralidade, incentiva o gosto pela leitura, contribui na formação da personalidade da criança envolvendo o social e o afetivo.

A contação de histórias, além de pertencer ao campo da educação e à área das ciências humanas, é uma atividade comunicativa. Por meio dela, os homens repassam costumes, tradições e valores capazes de estimular a formação do cidadão. Por isso, contar histórias é saber criar um ambien-

te de encantamento, suspense, surpresa e emoção, no qual o enredo e os personagens ganham vida, transformando tanto o narrador como o ouvinte. O ato de contar histórias deve impregnar todos os sentidos, tocando o coração e enriquecendo a leitura de mundo na trajetória de cada um. (MATEUS [et al], 2013, p. 56).

Diante disso, Mateus [et al] relata que a contação de histórias está ligada diretamente ao imaginário infantil, com o uso dessa ferramenta para incentivar não somente a imaginação, mas também o gosto e o hábito da leitura, a ampliação do vocabulário, da narrativa e de sua cultura, todo o conjunto de elementos referenciais que proporcionarão o desenvolvimento do consciente e subconsciente infantil, a relação entre o espaço íntimo do indivíduo com seu mundo interno e o mundo social, o mundo externo, resultando na formação de sua personalidade, seus valores e suas crenças.

A capacidade de imaginar permite que o ser humano crie uma habilidade de entendimento e compreensão de histórias ficcionais, pois nossa vida apenas é entendida dentro de narrativas. As histórias nos transmitem informações e abrangem nossas emoções. É por esse motivo que algumas pessoas se sentem receosas ao trabalhar com crianças e jovens em desenvolvimento. A história tem um papel significativo na contribuição com a tolerância e o senso de justiça social, podendo criar novos rumos à imaginação, podendo ser eles bons ou ruins. (MATEUS [et al], 2013, p. 57).

Deste modo, a literatura infantil em roda de histórias traz habilidades pela história narrada, como a imaginação, criação, interpretação, oportunizando a oportuniza sua linguagem oral culta e a popular, diante da contação de histórias em roda, excluindo método como professor detentor do saber, abrindo o espaço de expressão, conato com os livros, histórias, as figuras, estimulando a vivência da fantasia e a vivência real, ao mesmo tempo trabalhando o desenvolvimento cognitivo, emocional, desde a infância, abrindo espaço para criança interagir com o social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que muitos docentes não atribuem valor a literatura infantil e nem a contação de histórias. A literatura infantil além dos aspectos do gênero infantil, ela tem elementos que trabalha justamente com a fantasia, a imaginação da criança, como o contar histórias, se o professor não tiver habilidade, não traz um sentido para a atividade.

É necessário trabalhar com a literatura infantil para produzir competências e não utilizar como dentro do processo histórico na abordagem da formação moral e sim a formação social, de crianças que podem se tornar adultos críticos e reflexivos, bom leitores, que saibam argumentar, escrever novas histórias.

É necessário trabalhar com esses elementos na educação infantil, dando continuidade nos anos seguintes, formando crianças e adultos pensadores e criativos. Logo, o papel do professor como mediador e de incentivador do processo aprendizagem na busca de elementos eficazes é, despertar o desejo e a alegria da criança não só de ler, mas possibilitar de forma estimulante e espontânea a criança querer ouvir histórias infantis, e que esse texto literário no seu conteúdo, contribua para sua formação como cidadão.

REFERÊNCIAS

BARBOZA, Reginaldo José; NUCCI, Débora Roldão. A literatura infantil como um auxílio no processo de alfabetização. Revista científica eletrônica da pedagogia, 2016.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. MEC/SEB/CNE. 2017.

CLARO, Joice Maria Manhago. Literatura na Educação Infantil: Relatando experiências acerca de projetos e planejamentos envolvendo e estimulando a apreciação da leitura. Curitiba: PUC Paraná, 2011.

CHICOSKI, Regina. Literatura Infantil. Guarapuava: Unicentro, 2010.

KIRCHOF, Edgar Roberto; BONIN, Iara Tatiana. Literatura infantil e pedagogia: tendências e enfoques na produção acadêmica contemporânea. Canoas, RS: Proposições, V. 27, N. 2 (80) | maio/ago. 2016.

MATEUS, Ana do Nascimento Biluca [et al]. A importância da contação de história como prática educativa na educação infantil. PUC Minas, Periódicos, 2013.

PAÇO, Gláucia Machado de Aguiar. O Encanto da Literatura Infantil no CEMEI Carmem Montes Paixão. Mesquita: UFRRJ, 2009.

QUEIROZ, Aurinês de Sousa; FERNANDES, Stenio de Brito. As contribuições da literatura infantil como agente transformador para o desenvolvimento do pequeno leitor. V Conedu: Editora Realize, 2018.

SANTOS, Ana Paula doa; GOMES, Carmelita Maria; LIMA, Laíse Soares. Contação de Histórias na Educação Infantil: Perspectivas teóricas e práticas. Universidade Federal de Alagoas (UFAL), 2017.

SCHARF, Rosetenair Feijó. A escola e a leitura: Prática Pedagógica da Leitura e

Produção Textual. Tubarão: Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL, 2000.

SILVA, Aline Luiza da. Trajetória da literatura infantil: da origem histórica e do con-